



Ibsen, que espera o apoio de Quércia para presidir a Câmara, articula com Ronan Tito, que desistirá da liderança no Senado

Renovação dificulta acordos para a escolha de líderes

A idéia do Governo de formar blocos parlamentares no Senado e na Câmara com o objetivo de eleger os presidentes das duas Casas está praticamente descartada. Na Câmara, apesar dos esforços do 1º vice-presidente Inocêncio de Oliveira, que postula a presidência, as principais lideranças do PFL estão dispostas a fazer um acordo com o PMDB na expectativa do candidato ser o deputado Ibsen Pinheiro. No Senado, os dois principais defensores do Governo — os senadores Ney Maranhão e Odacir Soares — estão apoiando a candidatura do senador Mauro Benevides, do PMDB, o que inviabilizou a articulação governista para lançar como candidato o senador Marco Maciel, do PFL.

Benevides e Ibsen enfrentam, porém, problemas internos em suas bancadas. No Senado, o senador Márcio Lacerda, de Mato Grosso, garante que disputará na bancada do PMDB a indicação com Benevides. Ele está convencido de que tem chance de vitória, apesar do prognóstico em contrário dos mais experientes políticos de todos os partidos, que consideram favas contadas a escolha de Benevides como candidato do PMDB.

Na Câmara, Ibsen Pinheiro tem três concorrentes do PMDB na disputa para ser candidato à presidência da Câmara — os deputados Ulysses Guimarães, Prisco Vianna e Nelson Jobim. Os articuladores da candidatura Ibsen consideram Ulysses o principal obstáculo, devido ao constrangimento do PMDB de bater chapa com ele na bancada do partido. Antigos ulyssistas entraram no circuito para tentar convencê-lo a sair do páreo com o argumento de que sua candidatura teria sério risco de ser derrotada no plenário da Câmara.

Avaliação

O deputado Henrique Eduardo Alves, do PMDB do Rio Grande do Norte, convidado por Ulysses para uma avaliação da sucessão na Câmara, foi franco: "Doutor Ulysses, sou seu amigo e não vou lhe mentir — seu nome está enfrentando sérios obstáculos dentro e fora do PMDB. Já o de Ibsen é a garantia de que o partido fará o presidente da Câmara. Ulysses ouviu calado.

Nelson Jobim tem dado a entender que, com Ulysses no páreo, manterá sua candidatura, mas poderá desistir em favor de Ibsen. Prisco Vianna, por sua vez, está disposto a disputar votos na banca-

da do PMDB, podendo se lançar como candidato avulso em plenário caso o nome escolhido por seu partido enfrente resistência entre as legendas mais conservadoras. Quer dizer, ele poderia enfrentar Ulysses, mas dificilmente disputaria com Ibsen.

Em plena campanha, Ibsen Pinheiro manteve, semana passada, diversas conversas sobre a Mesa da Câmara. Na quarta-feira, ele teve um encontro com os deputados Ricardo Fiúza, líder do PFL, e Luiz Eduardo Magalhães. Depois, teve encontros individuais com os dois candidatos à sua sucessão na liderança do PMDB — os deputados Tidei de Lima e Genebaldo Correia, ambos ativos participantes da articulação do governador Orestes Quércia para reformular o partido. Na quinta-feira, Ibsen se reuniu, separadamente, com Jobim e Prisco Vianna, ainda, com o 1º secretário da Câmara, deputado Luiz Henrique, que faz uma ponte entre Ibsen e Ulysses Guimarães.

Governistas

No PFL, a tendência é de uma composição com o PMDB, exceto se o candidato for Ulysses, nome com alto índice de rejeição entre as forças governistas e no próprio

PMDB. Os pequenos partidos governistas, que só teriam a perder no caso da formação do bloco parlamentar, também consideram a candidatura Ibsen.

O senador Odacir Soares, vice-líder do Governo no Senado, vai mais longe: "Considero a criação de bloco desnecessária e contraproducente. Desnecessária pelo fato de o Governo já ter maioria nas duas Casas do Congresso. E contraproducente porque se partiria, a começar pela disputa dos cargos das mesas, para um perigoso confronto com o maior partido do Congresso, o PMDB".

Na avaliação de Odacir Soares, a quebra de tradição parlamentar que assegura à maior bancada partidária o direito de escolher os presidentes da Câmara e do Senado é muito arriscada: "Se um bloco passasse por cima dessa tradição, o PMDB, que não faz oposição radical e tem, em suas fileiras, muitos que votam com o Governo, não iria ficar de braços cruzados. Iria reagir, criando muitas dificuldades para o Governo. E não se pode esquecer que o Governo conta com maioria tênue, frágil. A diferença de poucos votos não autoriza atitudes de desafio".